

AS AVENTURAS DE ANA

EM

AMOR DE TRÊS DIAS

MARE SOARES

AUTORA DE "CHANTILLY" E "METADE REPLETO"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

As aventuras de Ana

#1 Amor de três dias

Mare Soares

2014

Nunca acreditei que fosse possível viver um amor de três dias. Afinal, amor é algo que chega rasgando o peito e arrebatando corações, com intensidade fulminante e que qualquer um de nós poderia jurar que viriam anos, décadas, centenários se forem possíveis. Entretanto, ao longo desse curto espaço de tempo percebi que se não é para ser eterno, que não dure. Assim, iniciei uma incrível jornada de amores de três dias. O esquema é simples. Consiste no seguinte plano: se em três dias não tirar meu fôlego provando que veio para ficar, tudo o que posso fazer é dizer um “*sayonara*” e “*hasta la vista*”, baby.

Infelizmente, ainda não descobri alguém que sobrevivesse comigo mais do que esses três dias.

O que pretendo compartilhar aqui não são todos os encontros e desencontros que tive ao decorrer dessa longa busca pela felicidade emocional ao lado de outra pessoa. O que venho a contar trata-se de um caso que me pegou desprevenida, sem *script* e que, finalmente, me enganou por completo.

Então, segurem os chapéus, apertem o cinto e preparem-se para a maior aventura que meu coração vivenciou.

Dia 1

Não é beleza que chama a minha atenção. Não me importo com a cor dos olhos, se tem dentes tortos ou certinhos, óculos ou lentes de contato. É um *feeling* que talvez eu não seja capaz de explicar. Cientificamente, reza a lenda – por mais irônico que isso possa ter soado – que a questão gira em torno do cheiro que a pessoa exala. O cheiro que grita mais é aquele que arregala os nossos olhos e nos faz, como patinhos, embarcar nessa loucura. Vai ver esse cheiro seja o tal *feeling* sobre o qual estou falando.

Ele me pegou justamente no momento em que eu menos esperava. Depois de tantas tentativas fracassadas, três dias após três dias, chega uma hora em que você precisa dizer basta. Não adianta correr atrás do impossível. Se não é para acontecer, não vai. Como uma boa menina madura, parei de espernear e culpar forças superiores por conta dos meus insucessos.

Ali estava eu. Desprotegida.

Foi quando uma brisa atravessou o meu olhar. Com ela, um caminhar despretensioso de uma pessoa que poderia ter passado batido. Mas não dessa vez.

- Você vem sempre aqui? – Pergunta idiota, eu sei. Mas o que poderia ter dito para alguém que eu queria conhecer?

Você pode estar pensando que eu sou tipo de mulher atirada, mas não é verdade. O que aprendi na vida é que milagres não vão ocorrer se a gente não der uma “ajudinha”. Se quer saber mais sobre alguém, vá lá e pergunte. O máximo que pode acontecer é levar um fora.

- Isso é algum tipo de cantada? – Ele me indagou com o olhar franzido.

- Não! De onde você tirou essa ideia maluca? Eu estou fazendo uma pesquisa. Trabalho em uma instituição que avalia a qualidade dos estabelecimentos alimentícios.

- Mas você não parece estar com roupas de trabalho... – Bela argumentação. Uma saia jeans e blusa decotada não favoreciam o meu ar profissional.

- Desculpe, mas você é algum especialista? Quem está fazendo as perguntas aqui sou eu!

- Você não deveria ter me perguntado se eu gostaria de participar de uma pesquisa antes?

- Ah, não. Sempre que eu tenho esse tipo de abordagem as pessoas dizem que não querem participar. Resolvi inovar e fazê-las acreditar que é uma cantada.

- Mas eu não quero participar disso. Sinto muito. – Ele virou para o balcão e me ignorou completamente. – Um cappuccino, por favor. Para viagem.

- Você está com pressa?

- Não reparou?

- Então você pode me dar o seu número que eu ligo mais tarde e faço a minha pesquisa.

Ele riu. Um sorriso, finalmente! Um passo andado para frente!

- Sério que você não está me cantando?

- Você acha que eu tenho cara de alguém que pede um telefone aleatoriamente assim? Sem sequer saber o seu nome?

- Você quer saber meu nome?

- Seria conveniente, para quando eu for ligar. A propósito, meu nome é Ana. Não que você queira saber, mas se essa pesquisa rolar, você vai querer ter sabido meu nome para identificar e não desligar na minha cara achando que era telemarketing.

Ele riu mais uma vez. Isso me fez estremecer um pouco. Sentia que estava

fazendo papel de palhaça. Por um súbito momento pensei em dar para trás. Mas mudei de ideia. A vida é curta demais para ficar com medo de ter um garoto te achando uma completa idiota.

- Ok, você merece meu respeito pela originalidade. Poucas pessoas chegariam em mim contando essa história. Por sinal, poucas mulheres chegariam em um homem.

- Não seja convencido. Isso não é uma cantada! – Me defendi segurando o riso. – Eu ainda não sei seu nome e não tenho seu telefone. Isso seria um enorme problema, meu chefe me mataria, sabe como é?

- Vou poupar o seu tempo e aceitar tomar um café contigo. Como você deve estar muito ocupada no momento com tanto trabalho, posso te encontrar aqui de novo às 17h. Por sinal, venho aqui de segunda à sexta, duas vezes ao dia, respondendo a sua pergunta inicial.

Ponto para mim. Consegui um encontro.

- Espero que você não me dê um bolo.

- Você pode me dar o seu número, para o caso de rolar algum imprevisto. – Ele estendeu o celular para que eu deixasse o contato. Peguei rapidamente, não queria correr o risco de ele mudar de ideia. Nisso, encostei em suas mãos. Um tanto quando infantil eu afirmar que meu coração acelerou. Não fazia sentido eu ficar desse jeito por uma pessoa que sequer conhecia. Entretanto, o que posso fazer se passei a infância assistindo desenhos da Disney e eles me ensinaram que existe, sim, amor à primeira vista e que eu posso muito bem casar com um reles desconhecido?

Anotei meu número correndo. Ainda fiz questão de deixar uma carinha feliz ao lado do meu nome. Assim, quando ele fosse me ligar encontraria um:

Ana :) :) :) :) :)

Ok, eu me exaltei um pouco na quantidade de carinhas felizes que coloquei. Fazer o quê? Você imagina o drama que é se chamar Ana? Simplesmente Ana? Quantas Anas você conhece? Eu conheço várias. Ana Maria, Ana Beatriz, Ana Sofia e assim por diante. Mas uma Ana 5 carinhas felizes só tem uma.

- É, não vai dar para esquecer. Obrigado.

Ele pegou seu cappuccino na banca e pagou ao atendente, que, por sinal, já olhava para gente com risinhos constrangedores.

- Ainda não sei o seu nome. Você tem dificuldade de responder perguntas simples?

- Henrique, mas você pode me chamar de Rick, já que o nome tem três sílabas e demora muito para ser pronunciado.

- Justo o suficiente.

Assim, Rick acenou para mim, deixando o estabelecimento por algumas horas. Enquanto eu, por outro lado, peguei um livro na minha mochila e sentei em uma mesa vazia. Não desejava sair dali tão cedo.

- Boa, menina! Quisera eu que alguma mulher tivesse tanta iniciativa e determinação como você para chegar em mim. – Disse o balconista.

- Tenho que correr, meu maior medo é de ficar para titia. Preciso trabalhar para que as coisas aconteçam. Em dez anos vou ficar com cara de velha e provavelmente ninguém vai me querer. Um absurdo, eu sei. Mas vocês, homens, são muito superficiais e difíceis de agradar. Corro enquanto posso.

- Manda ver, gata! – Disse outro atendente, com um jeitinho meio suspeito. – Vou ficar aqui observando na torcida.

Para passar o tempo, resolvi enviar SMS diversos conhecidos.

Para Joana:

Conheci O cara!!!

Para Mari:

Prepara o vestido porque vou casar em breve!

Para Pedro:

Perdeu, playboy! Vou ficar comprometida.

Para Mãe:

Ajeita a mesa do jantar porque em breve vai ter convidado!

Para Lua:

Amiga, casei. Só que ainda não. Mas vai rolar.

Para Gordo:

Você vai ser meu padrinho de casamento. Aproveita a deixa para arrumar um terno novo, vai acontecer logo, logo.

Para Bia:

Apenas apaixonada por um quase bonitão. Simples assim.

Apenas alguns exemplos do que enviei durante o meu tempo livre. Aproveitei para ir ao banheiro, olhar minha cara no espelho e retocar a maquiagem. Tudo o que me faltava seria estar acabada na hora do meu encontro. Soltei o cabelo para que ficasse mais feminino, passei um lápis de olho básico e um batom vermelho. O batom vermelho é essencial para que homens meio lerdinhos entendam a mensagem direito.

Quando voltei, Rick estava adentrando pela porta e eu pude notar todos os olhares dos funcionários direcionados para ele. Exceto pelo gay, que olhou pra mim e fez um sinal de joínha como quem dizia “vai lá, garota!”

- Mas você chegou quinze minutos adiantado! Eu podia nem estar aqui.

- Acabei meus compromissos mais cedo. Vamos comer alguma coisa? – Ofereceu.

- Claro, claro. Deixe-me ver... Eu quero um croissant com um chocolate

quente. O que você vai querer?

- Um chocolate quente também. E aquele cheesburger que está com uma cara boa. – Ele ia pegando a carteira quando eu o interrompi.

- Eu pago. Sem essa coisa de homem pagar. Tá tranquilo. – Informação relevante: não se incomode em pagar de vez em quando. Demonstra igualdade, boa fé, que você é gente boa.

- Tem certeza? A gente pode dividir, então.

- Ai, meninos, não esquentem. Hoje é por conta da casa. – Disse um dos funcionários.

- Sério? Vocês são ótimos! – Agradei.

Deixei que ele pegasse a bandeja e trouxesse à mesa. Mal pude esperar ela tocar na superfície, já atirei a mão no meu salgado. Estava faminta!

- Nossa. Isso que é fome.

- Desculpa pela falta de classe, mas não tenho quilos para perder e gosto muito de desfrutar da comida. Por sinal, comer é o que mais gosto de fazer.

- Sinta-se à vontade. Também gosto de comer. E não sei se você está tão em forma assim, não... – Disse com um sorriso sarcástico no rosto.

- Tá me chamando de gorda? E lá se faz isso em um primeiro encontro?

- Então vão ter outros?

- Depois dessa, acho difícil!

- Brincadeira, brincadeira. Vocês, mulheres, se incomodam muito com isso. As mais bonitas são aquelas que têm algo para apertar.

Ponto para ele. Acabou com a neurose da magreza!

- Mas e então... Fala alguma coisa sobre você. – Tentei puxar assunto, mas sou péssima fazendo isso. Pela a minha experiência, o negócio consiste em conseguir o telefone e marcar uma saída. Depois, deixo na mão do cara.

- Eu jogo hóquei de grama. Gosto de comer porcaria. – Falava enquanto mastigava o cheesbuguer que, por sinal, estava mesmo com uma cara ótima.

– Estagio em uma agência de cinema na parte financeira. Tenho 23 anos e uso lentes de contato porque pareço nerd quando boto óculos.

Pensei em perguntar que diabos era hóquei de grama, mas preferi dar uma de ligada nos esportes e manter a boca fechada a respeito disso.

- Ah, que pena. Você deve ficar uma gracinha com cara de nerd.

- Sofri minha infância com isso. Acredite em mim, não é legal.

- Cara, eu era gorda. Tipo obesa. Sabe o que é isso? Você não sabe o que é sofrimento. Criança é um bicho mau. Mau de verdade.

- Eu tinha espinhas pelo rosto todo.

- Eu não tinha amigos porque ninguém queria andar com uma gorda.

- Eu não tinha amigos porque eu preferia jogar videogame o dia inteiro.

- Minha mãe passou a me obrigar a comer salada porque estava preocupada com a minha falta de desenvoltura social.

- Minha mãe me mandava brincar no quintal como os filhos do vizinho. Uma vez escondeu todos os meus jogos.

- Isso é ruim, cara.

- Eu sei.

- Acho que temos uma infância sofrida em comum.

- Parece que sim.

- É um ótimo começo, não acha? Se conseguirmos encontrar mais duas coisas em comum, declarar-me-ei, oficialmente, apaixonada.

- Nossa, isso não é meio apressado? – Ele me olhou meio assustado.

- Qual é, você também me achou interessante. Caso contrário, não estaria aqui.

- Mas pra quê a pressa? Temos uma vida inteira pela frente.

- Temos. Só que e se eu for atropelada quando sair daqui e morrer?

- Qual a chance disso acontecer?

- De uns 90%, se eu andar distraída.

- Isso é uma ameaça?
- Não, é uma constatação óbvia considerando minha personalidade e falta de atenção nas coisas que estão ao meu redor.
- Ainda bem.
- E se eu tiver um ataque cardíaco? E se eu levar um tiro? E se eu cair da ponte? Olha quantas possibilidades de morte que existem por aí. Confia na minha regra dos três. Ela nunca falha.
- Mas que regra estúpida é essa?
- Três é meu número favorito. Eu nasci no dia 3/3/1993. Em qualquer situação diante de mim, consigo visualizar até três probabilidades. Não costumo falhar. Três é o melhor número!
- Você é meio maluca, sabia? – Ele riu. Por algum motivo as coisas insanas que eu estava compartilhando o deixavam animado.
- acredite, você não é o primeiro a me dizer.
- Vou embarcar nessa bobagem. Só porque você é engraçada. Ah, sei de uma coisa que talvez tenhamos em comum! – Rick disse bastante eufórico.
- Diga!
- Eu costumo beijar no primeiro encontro.
- Uau. Isso nós definitivamente temos em comum. Se encontrar a terceira, aceito o beijo.
- Tirar cera de ouvido é meu hábito de higiene favorito.
- Sério que de todas as coisas no mundo você resolveu me dizer isso? Que nojo!
- Você é esquisitinha, vai que você compartilha da ideia.
- Cara, eu concordo, mas não precisamos dizer essas coisas em voz alta.
- Então está aí a terceira coisa em comum.
- Isso não vale. Precisa ser algo mais interessante! – Protestei inutilmente.
- Você não deixou clara nenhuma regra a respeito disso. Sinto muito.

Por um momento, achei que fosse morrer. Ele veio vagarosamente se aproximando de mim e eu fiquei sem saber como reagir. Que eu beijo no primeiro encontro, isso é um fato. A questão é a forma como isso se desenrola e Rick havia me surpreendido. Não que isso fosse ruim, pelo contrário. Mas me senti em uma cena de cinema. O café inteiro olhando para gente. Os atendentes com sorrisos tão largos que parecia gol na copa do mundo. Eu sentindo o calor do corpo dele chegando bem pertinho do meu.

Fechei os olhos. O palpitar do meu coração foi ficando cada vez mais acelerado a ponto de me fazer acreditar que ele pudesse rasgar o meu peito e pular para fora. Senti como se fosse criança de novo, com toda aquela magia do primeiro beijo. O problema é que não era o meu primeiro beijo. Por sinal, já perdi a conta de quantos foram. Eu não sabia se era o jeito meio tosco de Rick ou o fato de ter rolado uma afinidade rápida que me deixava desse jeito bobo. Eu queria abraçá-lo, mas não consegui mover um dedo. Deixei o caminho livre para que ele fizesse tudo. Mesmo sem saber muito bem o que era aquele “tudo”. De repente, um toque macio nos meus lábios fez meu sangue ferver. Eu poderia explodir naquele momento. Ou desmaiar. Talvez os dois ao mesmo tempo. Se bem que se você visualizar uma imagem dessas não vai achar legal. Mudei de ideia. Eu via flores. Um belo campo florido e eu vindo da direita. Rick viria da esquerda, óbvio. Correndo. Tão apaixonados quanto Romeu e Julieta e, por fim, um longo abraço e um beijo ousado faria com que a gente derramasse os nossos corpos no campo e rolássemos agarrados. De resto, maiores de dezoito.

Mas, para a minha decepção e retorno a realidade, foi só um selinho.

- Sério? Vai ser só isso? Nem para enfiar a sua linguinha na minha boca?

Rick me olhou meio apavorado. Parecia que eu havia falado algo de outro mundo. Mas, sério, qual o problema de usar a língua durante o beijo? Foi

para isso que ela foi inventada, não foi?

- Você é muito apressada!

- É isso o que você chama de beijar no primeiro encontro? Precisamos rever essa coisa em comum então. – Falei revoltada. Ele havia destruído minha imaginação *caliente* como um beijinho tão xoxo.

- Calma, Ana. Olhe ao seu redor. Muita gente observando nossos passos. Não precisamos ser tão descarados.

- Henrique, meu caro, você acha que recebemos comida de graça por qual razão? Isso é como um show, meu bem! Um verdadeiro espetáculo. Eles querem ver um beijo de verdade!

- Bem hollywoodiano?

- Certamente. Além disso, eu me sinto celebridade o suficiente nesse momento para ter audiência.

- Antes que eu dê um passo a frente e me arrependa... Você é sempre assim?

- Depende.

- Você toma algum tipo de droga?

- A droga do amor. A droga do cinema. A droga dos livros de poesia. Tantas, tantas, tantas drogas!

Rick estava ficando enrubescido, desconfortável com os funcionários ávidos por uma cena de filme. No fundo eu sabia que se quisesse saber se meu pé levantaria com um beijo, eu teria que tomar a iniciativa.

Fui chegando perto devagarzinho.

- Não precisa ficar constrangido. Quem sabe a gente não arruma um sorvete gratuito também? – Brinquei. Nisso, o envolvi com meus braços e apertei forte. Sem pensar duas vezes e lasquei-lhe um beijo de cinema. Só que dessa vez a gente usou a língua.

A plateia vibrava enlouquecida com a vitória do time da casa. Os fogos de artifício explodiam no céu. Os deuses gregos brindavam Afrodite com o

vinho de Dionísio. Aplausos vinham do leitor com o final feliz conquistado pelo protagonista do livro.

Junto com um suspiro meu.

Dia 2

A tradicional ligação no dia seguinte implica na completa felicidade de uma mulher e na demonstração de interesse de um cara. Entretanto, aguardá-la sentada no sofá ansiosa a cada segundo por ela não faz mais parte do roteiro contemporâneo.

Respira fundo, respira fundo, respira fundo.

SMS pedindo SOS costumava resolver o meu problema.

Para Bia:

Vô ligar. Se ele não ligar até às 15h eu vou ligar.

Para Gordo:

Você é o melhor amigo que tenho no mundo. Me dê uma opinião de cavalheiro: se eu no dia seguinte para um cara que não me ligou, faz de mim uma babaca?

Para Mari:

O casamento vai acabar ficando para a próxima. :/

Acontece que os desenhos da Disney me ensinaram que o príncipe encantado costuma aparecer quando a donzela corre perigo. Então, meu senso de imaginação rapidamente visualizou um possível atropelamento, quando, de repente, Rick surgiria e com seus braços musculosos (só que

nem eram musculosos), se atiraria na minha frente, posicionaria suas mãos em frente ao automóvel e, por fim, salvaria o dia e a princesa.

Pena que isso não era passível de ocorrer.

Gordo: Nana, eu iria gostar de receber uma ligação sua no dia seguinte.

Mas mulher nenhuma me dá bola.

Como sou um virgem inveterado de plantão, o máximo do meu conselho é pesquisar no Google sobre o assunto e descobrir o resultado.

Isso não era uma resposta lá muito útil. Pesquisar uma coisa desses no Google seria o cúmulo da depressão. E o segredo é simples: não se desespere. Nunca.

Por isso, decidi que uma mulher moderna como eu deveria tomar as rédeas da situação. Rick tinha potencial para um amor duradouro, que poderia sobreviver a décadas, quem sabe para sempre?

Mas, por sorte, obra de Deus, carta marcada do destino, ele ligou antes que eu fizesse uma das tradicionais cagadas que costumo fazer e espantar os rapazes.

- Aqui quem fala é o Rick. Tudo bem?

- Tudo ótimo. – E a voz dele soava tão maravilhosa ao telefone.

- Você está ocupada? – Perguntou.

- Um pouquinho, só um instante. – Coloquei o telefone no sofá e dei duas corridinhas circulares pela sala para fingir que estava realmente ocupada. – Pronto, posso falar agora.

- Queria saber se você tá disponível daqui a pouco. Tomar um sorvete, tá muito calor hoje.

Sorvete? Sorvete é tão romântico! Sorvete e cachorro-quente são tão anos 50; drive-in; Grease; mão na perna e ai meu deus.

- Ué, não te espantei? – Achei conveniente perguntar. Afinal, apesar de ambos termos apreciado o momento, eu praticamente havia estuprado a boca dele no dia anterior.

- Na verdade eu te achei divertida.

- Então, acho que um sorvete seria legal. – E escolher meu vestido de noiva também, mas essa parte eu não posso declarar.

- Então me manda seu endereço por mensagem que daqui a pouco passo aí para te pegar.

Um beijo e um queijo. Precisava dizer mais algo? Rick era um lorde inglês. Tipo o rei Henry VIII. Mas ele mandou decapitar Ana Bolena. Pensando bem, péssima ideia fazer comparações.

Corri para frente do espelho. Era como se fosse a primeira vez. Engraçado que as minhas primeiras vezes não costumam ter fim. São cíclicas.

Olheiras gigantes, descabelada e espera! Minhas calças ficaram largas. A quantidade de bolinho não estava sendo o suficiente para me manter no peso. Talvez excesso de exercício físico. Joguei meu cabelo para trás e ele voltou para a minha cara. Cabelo liso, sempre um drama sem graça. Abusei do corretivo para resolver os meus problemas faciais. E, para o meu desespero, notava que a raiz do cabelo já estava voltando a tonalidade natural e que era preciso uma tinta preta urgente. Só que não havia tempo para pensar nisso. Afinal, uma campanha tocando tinha me feito pular de susto enquanto eu escovava os dentes.

Abri a porta do armário e peguei o primeiro vestido que encontrei. Infelizmente, não era o meu melhor. Apenas um listrado preto e branco grudado ao corpo. Desci as escadas o mais rápido que pude e, finalmente...

- Você está bonita hoje. – Rick disse com um brilhante sorriso estampado no rosto. Estava com o cabelo levemente despenteado a uma

camisa polo verde, que combinava com seus olhos.

- Ah, que isso. Eu estava... – parei por um segundo, achei que ia gaguejar. – vendo TV. Nem tive tempo de me arrumar, você chegou tão rápido!

- Certo. – Ele não acreditou. Quem acreditaria?

- Você quer entrar? Uma água? – Ofereci. Não sabia o que dizer.

- Não, obrigado. Estou de carro. Vamos?

Consenti com a cabeça e andei ao lado dele em silêncio.

- Foi bom eu ter te ligado, sabe? Ia ficar em casa o dia todo, aí pensei que você pudesse querer sair.

- É, eu também achei legal. Eu nem fiz a entrevista contigo ainda, né.

- Então aquilo era sério?

- Não, mas achei que a gente podia tipo fazer um jogo de entrevistas, sabe? Dentro do carro enquanto a gente vai até a sorveteria.

- Um jogo? Ok, parece bom. Você tem umas ideias bastante interessantes. – Não posso mentir, eu sentia meu cérebro explodir de prazer quando ele me elogiava.

Sentamos no banco e eu botei a cabecinha para funcionar. Queria fazer perguntas inteligentes e que proporcionasse orgasmos mentais para ele tanto quanto para mim.

- É para a gente se conhecer melhor. Já que vamos tomar sorvete, acho muito importante ter certeza de que você não é um psicopata.

- Acho que as possibilidades de você ser uma psicopata são maiores do que as minhas, mas tudo bem. Vá adiante. – Ele ligou o motor.

- Cor favorita? – Que bosta de pergunta idiota que fiz.

- Azul.

- Seu clichê.

- Por quê?
- Todo homem responde azul.
- E a sua, Srta. Originalidade?
- Marrom.
- Mas que... – Ele não pronunciou mais nada.
- Eu sei, incomum. Mas acho que marrom dá um toque interessante.

Principalmente nos sapatos e acessórios. Realça a beleza feminina sem frescurites.

- Como eu não entendo nada disso, prefiro não questionar.
- Sua vez.
- Ator favorito?
- Tom Cruise. Porque gosto de filmes de ação.
- Bacana, gosto que tenha bastante explosão também. Eu diria que

Harrison Ford.

- Se você estivesse em uma ilha deserta com uma bola de vôlei, que nome você daria para ela? – Era para ter sido original, mas falhei miseravelmente.

- Wilson.
- Você é tão clichê.
- Você também diria Wilson, é impossível pensar em outro nome

quando tem escrito em letras garrafais Wilson no meio dela.

- Não, não. Não precisa se justificar. Eu não disse que não gosto de clichês. Por sinal, clichê é do que gosto mais. Tradicionais finais felizes, trilha sonora para a gente dançar, triângulo amoroso... Mas, enfim... Vamos a minha pergunta.

- Que seria?
- Qual a sua maior qualidade?
- Além do fato de eu ser lindo?

- Por favor, você nem é tão bonito assim. Seu nariz é grande demais e você fuma, eu senti o hálito de cigarro quando enfiei a língua na sua boca.
– Tudo verdade. Para deixar claro que não me incomodava, soltei um riso em seguida.

- Perceptiva. Ok. Minha maior qualidade é ter confiança no meu taco.

- Ok, ego inflado.

- Mas é verdade! – Protestou.

- Ego inflado. Tudo bem. A gente pode lidar com isso.

- Vamos lá e qual o seu maior defeito?

- Eu sou impaciente. Não tenho tempo a perder. E, principalmente, quero que todos os meus dias sejam feitos de finais felizes.

- Um pedido justo, se você quer a minha opinião. – Ele pôs os meus cabelos atrás da orelha. Em seguida, se aproximou de mim e me deu um beijo. Um em que eu não tive que praticamente estuprá-lo. Foi calmo e doce. Nos vi montados em um cavalo branco, eu abraçando sua cintura e felizes em direção ao infinito. Era ele. Tinha que ser. Se não fosse ele que tornaria os meus sonhos realidade, quem mais faria?

- Você devia ficar de olho na rua, não vai querer um acidente.

- Chegamos, bobinha. Qual o sabor?

- Flocos. Banana caramelada. Confete e o biscoitinho.

- Beleza, eu vou trazer e a gente toma no carro. A sorveteria está cheia.

Esprei agarrada ao cinto de segurança. Apenas sentia a necessidade de apertar alguma coisa muito forte, usando toda a força que era possível. Ele era romântico. Gentil. Engraçado e atencioso. Tudo o que qualquer mulher pediu aos céus. Eu poderia facilmente passar horas a seu lado. As banalidades das conversas se prorrogariam por horas, se deixássemos. Podia até mesmo ser estúpido, mas era o tipo perfeito de estúpido que eu estava procurando. Muito diferente dos caras anteriores, que não eram românticos,

nem tão maravilhosos. Rick tinha o sabor diferenciado. O sabor que combinava com os meus lábios.

- Adicionei uma cereja, espero que goste. - Ah, meu bem, o que vem de você é o que eu gosto mais.

- Obrigada. – Comi a cereja primeiro, antes que misturasse com o resto do sorvete.

- Cara, você come que nem uma troglodita.

- E daí? Sinto fome. Sinto muita fome.

- Você não tem comida na geladeira?

- Ela não costuma durar muito porque eu como rápido.

- Você vai acabar rolando. – E se eu rolar, você ainda vai me amar, não vai? Mas fiquei de bico calado. Era mais conveniente.

- Eu me exercito, sabe? E aí como para compensar as calorias que eu matei cruelmente.

- Também perco muitas calorias jogando hóquei de grama.

De novo. Por quê? Que diabos é hóquei de grama?!

- Nossa, que legal. Você joga muito?

- Exceto fins de semana.

- Você deve gostar bastante. Legal. Legal mesmo.

- Sabe, Ana. Eu acho você uma pessoa especial. Gosto do seu jeito de tentar me enrolar quando eu falo sobre esse esporte e você faz comentários fingindo que sabe o que é. Acho que a gente podia sair outra vez.

Para o resto da vida, por favor. Para todo o sempre.

- Eu concordo. Totalmente. Somos pessoas tão diferenciadas, afinal.

Seres humanos tão distintos merecem encontros.

Mais um beijo. Beijos são essenciais para relacionamentos. Você sente a energia da pessoa. Você segue o coração bater. A magia entra no ar.

Dessa vez a coisa ia andar. Não tinha chance de erro. Rick era atencioso, gentil, beijava bem, me deixava encantada só de pensar que um ser humano como esse existe. Rick era a personificação dos príncipes encantados, com direito a carruagem do século XXI.

Diferente de todas as outras vezes em que o desencanto bateu a minha porta no segundo encontro, esse estava saindo como o planejado. Ele sabia seguir o meu roteiro.

Dia 3

Os três dias nunca precisaram ser seguidos. Afinal, todo mundo tem mais o que fazer do que viver em função de um relacionamento. Por isso, em plena segunda-feira de calor, me diverti enfrentando o trânsito para chegar à faculdade em companhia do meu bom e velho amigo Gordo.

- Porra, esse trânsito tá sempre uma merda. Puta que pariu! Joguei pedra na cruz para merecer isso, não é possível! – Gordo reclamava compulsivamente em meu ouvido. Quando estava irritado, sai da frente que vai explodir gordura na cabeça de quem estiver por perto! Para a minha sorte, era um mau momento. O assunto que mais o deixava irritado era, justamente, o maravilhoso trânsito de todos os dias.

- Calma, garoto. Que coisa chata você resmungando.

- A gente tá parado nessa merda dessa rua dos infernos há 40 minutos!

- A gente ainda tá adiantado. Tá tranquilo. Bota uma musiquinha que te ajuda a relaxar.

- Não quero ouvir joça nenhuma!

- Ok, ok. Então vamos falar sobre algo que eu e você gostamos igualmente: a minha vida.

Ok, eu podia, de vez em quando, manear com o ego. Mas juro para você que é difícil. E eu me esforço. Sério.

- Aff, Ana.

- Estou começando a achar que vai ter futuro com o Rick. É incrível a conexão que a gente tem, sabe? Parece mágico.

- Começando, Ana? Você só fala disso há três dias.
- Não posso conter a minha empolgação, oras. Estou tão animada com as possibilidades. Já até comecei a olhar sites com nomes de bebê.
- Porra, Ana, sua doente, você acabou de fazer 20 anos, não precisa de uma criança para pentelhar a sua existência com fezes e vômitos.
- Você é sempre tão animador.
- É porque você sempre que sai com um cara fica pulando fora da realidade!
- Mas esse é diferente! Ele é gentil.
- O Tony também era diferente. E aquele outro, como era o nome dele? Al. Teve um chamado Rod se não me engano. Todos eles, sempre tão distintos. Acabou na mesma: eles não queriam nada, você ficou puta por conta da sua obsessão doentia em ter relacionamentos sérios e deu um chute neles no terceiro dia quando, depois de tanto esperar, ninguém te entregou um anel e pediu em namoro.
- Eu sou uma mulher responsável, o que há de errado nisso?
- Não, Ana. Tu morre de medo!
- Medo de quê? Tá falando besteira.
- Você tem é medo de levar um fora. Você fica com essa viadagem de blábláblá conto de fadas, amor para sempre, príncipe encantado, beijos babados, simplesmente porque você não fica com ninguém tempo o suficiente para se envolver e não deixa ninguém se envolver com você. Tu é uma babaca, maior ainda do que eu.
- Impossível. Teu corpo é robusto demais para isso.
- Tô é muito puto com esse trânsito. E quer saber? Se você olhar direito pra essa merda de vida que você vive, vai descobrir que tem gente que morreria por você, mas tu não dá atenção porque vai em desencontro a essa merda de filme retardado que você quer viver!
- Relaxa, Gordo. Você não tem que descontar esse estresse em mim, não. –

Me defendi. Na realidade, me sentia profundamente ofendida com tudo o que ele havia dito. E daí se provavelmente verdade? O que há de errado em não querer ser rejeitada?

- Tô te falando para acordar!

Eu sabia, no fundo, que ele sentia alguma coisa diferente por mim. Todos me alertavam sobre essa amizade pouco comum que construímos. Mas era um fator que eu preferia ignorar porque estava preocupada demais buscando um amor “porto-seguro”. Um amor que eu pudesse dispensar rápido caso achasse que não ia dar certo. Um amor que, certamente, não acabaria com uma amizade de longa data.

- Quer saber? Para te provar que você tá sendo um babacão e que está totalmente errado a meu respeito, eu vou pedir para namorar com o Rick. Agora.

- Isso vai dar merda. – Ele declarou. Em seguida, fechou a cara e manteve o silêncio. Quis agradecer por ele ter calado a boca. Gordo era um cara alto, de cabelo grande e ensebado, uns 20kgs acima do peso e o amigo escroto da galera. Todos se divertiam com o jeito babaca dele ser.

Se você for analisar, no fundo, qualquer pessoa tem alguma coisa sobre a qual se defende. E o que as define é como vai lidar com esse terror. Gordo dava indiretas, eu fingia que não reparava e a gente se dava bem assim. O medo dele consistia tanto na rejeição quanto o meu. Apenas escolhíamos formas distintas de lidar com isso. Eu optei por encarar.

Para Rick:

Eu não tenho tempo a perder. Odeio entrar em algo que não dá futuro. A gente vai namorar daqui pra frente ou vai continuar nesse vai não vai?

Esfreguei meu celular na cara do Gordo. Ainda bem que o trânsito estava congestionado.

- Tá vendo? Você tá errado.

- Ana, você por acaso considerou a possibilidade dele dizer que não está interessado? – Gordo havia voltado ao tom normal. Acho que o choquei de certa forma.

- Óbvio que não. Cara conhece a moça. Cara sai com a moça. Beijos são trocados. Relacionamento. Casamento. Filhos. Morte de mãos dadas deitados na cama, felizes por uma linda vida juntos.

- Volta para a realidade, Ana. A vida não é conto de fadas. Nem filme hollywoodiano. Você ouve a musiquinha na sua cabeça, porque ninguém mais ouve.

- Qual é o problema que existe em sonhar?

- Nenhum. Desde que você não se atropela fazendo isso.

- Tá certo, Gordo. E se ele aceitar?

- Façam sexo. Tenham filhos. Se casem. Mas lembre-se de que relacionamentos de longa data também podem fracassar. Viver é um risco. Aceita o jogo, Ana, ou você segue o fluxo com os caras com quem você sai e descobre se vai dar em algo tempos depois, indo contra a sua maldita regra de três dias ou arrume um obcecado, igual a você, tão desesperado por encontrar amor que não abre as portas que ele venha, já que está tão focada no próprio umbigo delirante, atribuindo gentileza à amor eterno, uma falta de ligação com o profundo descaso. As coisas não são preto no branco. Construir uma experiência significa tempo de absorção. Enfrenta esse risco e abre a porra do olho!

Acontece que o meu “vamos ser felizes juntos para sempre!” veio com as palavras erradas.

“Ana, eu gosto muito de você, mas não estou buscando me comprometer no momento. Podemos ser bons amigos. O futuro é uma porta a ser aberta, mas não hoje. Peço desculpas se você me entendeu errado. Afinal, a gente mal se conhece. Seria imprudente pensar nisso agora. Não se magoe com as palavras que escrevo.”

Tipo: oi?

Finalmente descobri o que é o papinho de amizade no primeiro fora que levo e percebi que ninguém mentiu para mim: dá raiva. É uma palhaçada. Eu deveria dizer para ele onde ele vai enfiar a amizade...

E que bosta de amizade? Troca uns beijos e acha que virou meu amigo? Amigo é o cara que senta no carro do meu lado e xinga o trânsito e depois tenta dar lição de moral na minha vida porque me ama. E é meu amigo, claro. Eu não estou desconsiderando o fato de sermos amigos.

Pensando bem, talvez não exista esse negócio de “para sempre”. Talvez seja a hora de crescer e aceitar que mentiram para mim. Talvez seja a hora de aceitar a realidade dura como ela é e ir atrás de algo que possa me preencher de verdade. Porque, me corrigindo, o tal “para sempre” se ele existir, pode vir dos lugares em que a gente menos espera e de maneiras inusitadas.

- Quer saber, Gordo? Se você não fosse meu melhor amigo, a gente certamente poderia ter tido alguma coisa. Esses caras são todos uns babacas, mas de um modo diferente de você. Você não me enrola, manda o recado na lata. É assim que um homem deve ser!

- E a parte em que você disse que a gente poderia ter tido algo, Ana? – Ele

pareceu mais interessado do que devia nessa afirmativa. Falei sem pensar.

- Em outra vida, meu caro amigo. Em um conto de fadas.

- Merda.

Fim

Making off

Caros amigos leitores,

Como sempre, fico encantada com o término de um projeto. A força e inspiração que cada leitor me traz é maravilhosa. Se hoje termino minha terceira publicação, certamente é por conta desse enorme carinho que sinto no dia a dia através das redes sociais.

Espero que vocês tenham se encantado com os delírios da Ana tanto quanto eu. Ela é uma personagem forte que saiu correndo da minha cabeça e escorreu pelos meus dedos. Não pude controlar uma alma tão voraz e necessitada por algo que todos nós buscamos tanto em nossas vidas: um amor verdadeiro. Independente de eterno ou não, que sejamos capazes de apreciar cada gesto de amor que recebamos ao longo de nossas vidas. Desejo que esse conto tenha trazido boas reflexões a respeito desse assunto que grita em nossos corações todos os dias.

Gostaria de lembrá-los, entretanto, que a falta dele não é o fim do mundo. Estamos mais rodeados de amor do que imaginamos e quando as portas não se abrem, uma janelinha indecente escancara e somos, mais uma vez, norteados por um sentimento tão terno e especial, o qual nós fomos criados para aceitar e servir.

Por fim, agradeço por esse momento que nossos pensamentos estiveram juntos, ainda que com corpos distantes.

Um grande beijo,

Mare

WWW.facebook.com/maresoares

WWW.facebook.com/aventurasdeana

WWW.maresoares.com.br